

Stan Lee e Homem-Aranha: compreendendo as teias de significado entre autor e criação, a luz dos estudos culturais

Rubem Borges Teixeira Ramos¹

Resumo: O presente artigo evoca algumas das experiências de vida de Stan Lee com fatos e acontecimentos retratados na narrativa dos quadrinhos do Homem-Aranha. Pretende-se demonstrar como os quadrinhos expressam a relevância das vivências do autor junto a construção da narrativa. As situações e dilemas enfrentados por ambos – Stan Lee e Homem-Aranha – podem também ser encaradas como alegorias ou metáforas pertinentes a vida dos leitores dessas histórias em quadrinhos.

Palavras-Chave: Histórias em Quadrinhos; Stan Lee; Homem-Aranha; Interpretação das culturas.

Stan Lee and Spiderman: understanding the webs of meaning among creator and creation, considering cultural studies

Abstract: This paper suggests some ways of a connection among Stan Lee's life experiences with facts and events presents on Spiderman comics. It aims to show how these comics express the significance of the author's lived experiences with the narrative's building. The facts and dilemmas lived by both – Stan Lee and Spiderman – can also be relevant allegories or metaphors with the readers of these comic books.

Keywords: Comic Books; Stan Lee; Spiderman; Culture Interpretation.

Introdução

O consumo e leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis é um ato cada vez mais difundido entre leitores de diversas camadas e setores socioeconômicos, em todo o mundo. Em pesquisa recente de doutoramento, Ramos (2017) comprova esse fato, tendo abordado leitores brasileiros e norte-americanos, de diversos extratos sociais e econômicos, que demonstraram em seus relatos o apreço e a manutenção aspectos, nuances e facetas presentes nesses quadrinhos, que foram introjetados por eles em pelo menos um aspecto da vida.

Muitas razões podem ser elencadas no intuito de endossar a motivação e o apreço que esses leitores demonstram para com essa leitura em particular. Um deles pode ser explicado junto aos personagens que fazem parte desse gênero. Os super-heróis e suas aventuras, destacando o triunfo das forças do bem sobre

1 Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008). Especialista em Gestão Estratégica da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) e bacharel em Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2004). Atualmente, é Professor do curso de Gestão da Informação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

todos aqueles que se prestam a agir contra os ideais mais nobres de justiça, igualdade, da moral e dos bons costumes, permanecem até os dias atuais como o formato mais aceito e difundido de histórias em quadrinhos. Uma das editoras de grande destaque nesse universo é a norte-americana Marvel Comics, atualmente uma empresa pertencente a Disney *Inc.* Dona de um catálogo invejável de personagens e títulos, essa editora cativa leitores – e porque também não dizer, espectadores, haja visto as vultuosas cifras que os filmes pertencentes ao Universo Cinematográfico Marvel ou UCM, arrecadam em bilheterias diante de cada novo filme lançado – com histórias que seguem há várias décadas uma consagrada fórmula de sucesso: representar indivíduos superpoderosos, os quais demonstrem sentimentos e dilemas similares ou idênticos não apenas a um ser humano normal, mas especificamente aos seus leitores.

Creditado como um dos grandes responsáveis pela concepção original dessa fórmula, Stan Lee se consagrou como escritor, editor-chefe e cocriador de diversos dos personagens que emblematicamente são queridos e admirados por grande parte do público leitor de quadrinhos. Não apenas o público infanto-juvenil de hoje, mas também adultos se reconhecem como fãs de suas criações e de suas histórias, creditando a ele uma importância destacada junto a nona arte.

Um dos maiores exemplos que personifica o traço e estilo narrativo de Stan Lee é o Homem-Aranha. Super-herói criado em 1962, é um expoente mesmo dentro do gênero dos super-heróis, justamente por ser o personagem em que mais se torna evidente, desde a sua concepção até as atuais publicações, a recorrente preocupação e envolvimento com temas do cotidiano de seus leitores. Além de enfrentar os supervilões e defender os princípios nobres, seu alter ego, Peter Parker, tem de lidar com uma série de condições e atribuições muito semelhantes a de qualquer indivíduo, como não ter dinheiro suficiente para arcar com as despesas, lidar com desilusões afetivas, aturar um chefe que despreza aquilo que faz em sua identidade heroica, e prover as melhores condições possíveis para sua Tia May viver, sobretudo após o falecimento de seu Tio Ben, do qual se coloca como parcialmente responsável, por ter escolhido não agir com a devida responsabilidade junto ao homem que futuramente seria o seu assassino.

O fato curioso, ao qual talvez muitos dos fãs deste personagem ignorem, é que a biografia de Stan Lee apresenta diversas similaridades para com sua criação. Inclusive a decisão de adotar com prioridade uma narrativa que apontasse a veiculação de temas cotidianos no gênero de super-heróis não foi apenas um ideal defendido por Lee, mas sim o guia pelo qual o autor investiu pesadamente junto a uma forma de caracterização que primasse pelo fator humano do super-herói, trazendo à tona não apenas suas virtudes, como também seus embates e suas vicissitudes, diante das limitações impostas pela própria vida.

Stan Lee: escritor, editor e embaixador das histórias em quadrinhos e dos super-heróis

Stan Lee na verdade é o pseudônimo – ou talvez deva-se recorrer a “identidade heroica”, segundo o jargão mais comum empregado junto aos quadrinhos – adotado por Stanley Martin Lieber, nascido em 1922, na cidade de *New York* – EUA. Filho mais velho de Jack e Celia Solomon Lieber, imigrantes romenos que, assim como vários indivíduos no início do século XX, buscaram tentar uma vida melhor, aos moldes do *American Way of Life*.

Em 1929, em decorrência da famigerada quebra da bolsa de *New York*, milhares de pessoas se viram em situações econômicas desfavoráveis, inclusive com a ausência de empregos estáveis e suas consequências negativas junto à população, como a desmoralização e uma crescente sensação de inutilidade. A família Lieber não se constituiu como exceção a esse fato. De acordo com Lee e Mair (2009), aos seis anos de idade, como consequência da agravada situação da economia norte-americana, Stanley viveu uma infância e juventude paupérrimas. Tendo saído da ilha de Manhattan, a

família Lieber, contando agora com um segundo filho, encontrou nova moradia no bairro do Bronx, em um pequeno apartamento de um quarto. Stanley precisava dividi-lo com seu pequeno irmão, e o casal dormia em um sofá-cama na sala desse apartamento.

Jack Lieber, assim como tantos outros chefes de família à época, não conseguia encontrar um emprego digno e estável para prover o sustento de sua família, o que em muito acabou por lhe trazer um amargo gosto de inutilidade. E todo esse cenário acabava por fazer parte do lar dos Lieber, onde frequentemente as discussões junto a mesa das refeições giravam em torno dos problemas econômico-financeiros da família. Toda essa influência do período junto ao seio da família acabou por marcar de uma forma particular o jovem Stanley, fazendo-o aprender desde então que uma das instâncias mais importantes na vida de um homem é se ocupar, pois através do trabalho e do ganho que este proporcionava era possível prover uma família. Segundo Lee e Mair (2009): “Eu compreendi desde a tenra idade como o espectro da pobreza, a preocupação inacabável sobre não ter dinheiro suficiente para comprar artigos da mercearia ou pagar o aluguel, pode conjurar uma nuvem sobre o casamento” (p. 7).

Diante desse cenário controverso, a forma de abstração da realidade disponível ao alcance de Stanley eram os livros e a literatura. Leitor voraz de histórias e narrativas contendo aventuras e mistério, ele logo se encantou e consumiu obras de autores consagrados, como H. G. Wells, Sir Arthur Conan Doyle e Mark Twain, dentre outros. Ele mesmo corrobora tal fato: “Era a minha fuga da tristeza e da melancolia da minha vida em casa” (p. 9).

Mesmo tendo sido um aluno destacado como acima da média durante seus anos escolares – fato potencialmente explicado como fruto por sua afeição a leitura – Stanley frequentemente se encontrava fora dos padrões e moldes escolares. Ao se recordar desses anos, ele revela: “Na escola, eu sempre tinha alguma coisa de um desviante. Isso era porque eu era geralmente a criança mais nova em minha classe e em meu grupo social” (p. 10). De fato, ele concluiu seus estudos aos quinze anos, e optou por tentar auxiliar sua família, ao invés de se aplicar ao ensino superior, abandonando – ainda que temporariamente, como se comprovaria mais tarde – um sonho de se tornar um escritor de renome.

Mesmo como um prodígio escolar, o jovem Stanley não contava com a experiência demandada pelo mercado de trabalho. Isso implicou no aceite de uma série de empregos de menor porte, todos de forma simultânea: *office boy* em uma fábrica, entregador de sanduíches no horário do almoço e jantar, porteiro na *Broadway*, vendedor de assinaturas de jornal e lanterninha em um teatro. Um fato comum em sua carreira profissional, surgido nestas primeiras oportunidades, foram as divergências que manteve em relação a seus patrões. A título de exemplo, o trabalho como *office boy* foi um dos mais desagradáveis para Stanley, uma vez que ninguém demonstrava a menor preocupação em aprender o seu nome e lhe chamar por ele, assim como o de outros na mesma função. O tratamento dado a esses subordinados por seus patrões era completamente frio e impessoal. Mesmo em sua primeira experiência como redator, o dissabor continuou como uma marca, já que ele se tornara o responsável por redigir o obituário do Centro Norte-Americano de Tuberculose.

Em 1939 ocorre um fato marcante na vida de Stanley. Foi nesse ano que Martin Goodman, editor-chefe da Timely Comics – que viria a se tornar a atual Marvel Comics – fez um convite a Stanley para integrar a redação desta sua empresa. Tal convite somente foi realizado porque Goodman era casado com uma prima de Stanley. Porém, mesmo em se tratando de uma editora de histórias em quadrinhos, suas primeiras funções não foram exatamente voltadas a sua edição. De fato, o primeiro contato profissional no novo emprego com a nona arte foi quanto Stanley teve de preencher com textos alguns dos balões de fala e diálogos da terceira edição do Capitão América, lançada em 1941. Grande parte disso ocorreu por escolha dele mesmo, inclusive a adoção de seu pseudônimo – Stan Lee – em virtude de manifestar o desejo

de lançar um livro próprio e de preferir não ser oficialmente associado as histórias em quadrinhos, já que elas não compartilhavam do peso e do renome junto a sociedade que outras obras literárias, como os livros clássicos, dispunham.

Outro fato marcante nesse início de carreira junto aos quadrinhos é que, entre 1941 e 1942, Stan Lee acabou por se tornar editor da Timely Comics, aos seus plenos 17 anos de idade. Porém, essa carreira foi encurtada, uma vez que ele fora convocado a fazer parte das tropas norte-americanas contra as forças do eixo nazifascista. Devido a sua experiência na Timely e em outros veículos de comunicação, ele foi destinado ao setor de comunicações do exército, tendo recebido a responsabilidade de confeccionar materiais variados – como manuais ilustrados, pôsteres, animações simples e até mesmo histórias em quadrinhos – para transmitir as tropas conhecimentos imprescindíveis ao seu dia a dia, como o manuseio de armas, a hierarquia própria do exército e regras de conduta que todos deveriam seguir. Inclusive um fato curioso sobre este período é que Lee e Mair (2009) afirmam ter ocorrido nesse período junto as tropas norte-americanas a criação do mantra ‘com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades’, pois os países envolvidos na Segunda Guerra Mundial possuíam grande capacidade e poderio bélico, tendo em suas mãos o destino de todo o mundo. Tendo encerrado sua participação no exército após o fim da guerra e retornado aos EUA, Lee se casou em 1947 com Joan Clayton, tendo duas filhas fruto desse relacionamento: Joan Celia Lee - batizada em homenagem a sua mãe e a sua esposa, e Jan Lee, que infelizmente veio a óbito após o parto.

Contudo, após o término da guerra, os quadrinhos de super-heróis enfrentaram uma dura crise em suas vendas. Esse fenômeno pode ser explicado pela migração de seus leitores a outros gêneros da nona arte, como o terror e a ficção científica, até meados dos anos 1950, e a partir daí pelo trabalho do psiquiatra Fredric Wertham, que acabou por lançar sérias dúvidas quanto a credibilidade e idoneidade dos quadrinhos como forma de leitura válida entre o público infante juvenil.

Tal cenário desabonador perdurou até os anos 1960, e Stan Lee permanecera na editora Timely, rebatizada primeiramente como Atlas, e em seguida, como Marvel Comics. Segundo Robb (2014), em 1961, durante um jogo de golfe disputado entre os editores da Marvel Comics e de sua principal concorrente no mercado, a DC Comics, fora revelado pelo responsável desta última a criação e o desenvolvimento de histórias em quadrinhos com grande interesse e aceitação pelo público leitor, as quais incluíam versões conhecidas e revitalizadas de personagens, como Super-Homem, Batman, Mulher-Maravilha, Aquaman, Lanterna Verde e Flash – essa era a Liga da Justiça da América. De posse desse conhecimento, Goodman repassou a Lee a ordem para que desenvolvesse um grupo parecido, de modo a aproveitar a fatia do mercado aberta pela DC Comics.

Entretanto, a retração do mercado há mais de uma década, somadas as desavenças com Martin Goodman, levaram-no a um estado de desânimo, o qual inclusive esteve próximo de desligá-lo para sempre dos quadrinhos. Robb (2014) confirma que a responsável por retirá-lo desta letargia, injetando ânimo e fazendo com que Lee concedesse mais uma tentativa junto ao universo dos quadrinhos foi sua esposa Joan, que “[...] sugeriu, enquanto ele considerava desistir de qualquer modo, que ele respondesse a Goodman fazendo aquilo que gostava” (p. 161). E Lee havia demonstrado essa capacidade anteriormente, desenvolvendo histórias e personagens diferentes do padrão estabelecido até então, procurando abordar características e aspectos mais humanos neles. Ao lado de profissionais criativos, que viriam a se tornar lendas posteriormente junto a nona arte – nomes do calibre de Jack Kirby, Steve Ditko, Bill Everett, entre outros – Stan Lee passou a trabalhar nos quadrinhos empregando essa nova motivação: seus personagens apresentavam dilemas e eram posicionados em situações e contextos, ainda que de forma paralela ao combate ao crime, que muito se assemelhavam aquelas ocorridas no mundo real, inclusive com os próprios

leitores. A forma como estes personagens procuravam equilibrar suas vidas pessoais com a obrigação de defender a justiça e salvar o mundo dos vilões e das atrocidades acabou por ser uma ideia revolucionária e muito bem aceita por todos aqueles que adquiriam os gibis da Marvel. Reforçando esse fato, Robb defende que “Lee desejava explorar as consequências do que é ser um super-herói juntamente com um grupo de atividades consideradas como ‘ordinárias’ as pessoas” (p. 162). Essa combinação consagrou a Lee, Kirby e dezenas de artistas, escritores e roteiristas de quadrinhos, em uma fórmula que representa até hoje os enredos da Marvel Comics: indivíduos humanos, que possuem características e poderes que os destacam dos demais, mas que mesmo assim, ainda apresentam os mesmos problemas das pessoas comuns.

O Homem-Aranha

Ao lado de uma equipe de profissionais muito talentosa, Stan Lee foi o responsável pela criação de vários personagens, entre super-heróis, supervilões e coadjuvantes, que mesmo sem superpoderes, acabaram por também atrair a atenção e cativar o leitor de suas histórias. Dentre as suas criações, destaques não faltam: O Incrível Hulk, O Invencível Homem de Ferro, O Quarteto Fantástico, a adaptação de Thor, da mitologia nórdica para os quadrinhos, os X-Men e os Vingadores. Porém, é de conhecimento público, muito em posicionamentos e registros do próprio autor, que sua criação favorita nesse distinto rol de figuras ilustres era, indubitavelmente, o Homem-Aranha.

Esse personagem surgiu em 1962, nas páginas da publicação *Amazing Fantasy*, uma revista que estava prestes a ser cancelada. Lee enxergou ali a possibilidade ideal para testar um novo personagem que, de acordo com Robb (2014), ele já havia parcialmente apresentado – pelo menos em ideia – a Martin Goodman, que demonstrou aversão ao mesmo, justificando para tanto desde uma posição editorial na qual personagens jovens não deveriam ser os protagonistas das histórias, relegando-os a posição de *sidekicks*, até o fato de que uma parcela significativa das pessoas apresentava aversão a aranhas, inclusive ele próprio.

Mesmo com essa recepção fria a sua ideia, Lee prosseguiu e introduziu nas páginas daquela revista Peter Parker, um adolescente de 15 anos, nerd que sofre bullying de outros estudantes em seu colégio, que adquire seus superpoderes ao ser picado por uma aranha submetida a uma radiação. Buscando inicialmente fama e fortuna, Peter se omite de impedir um crime, alegando não ser sua responsabilidade lidar com criminosos. Tal fato o marca para sempre, ao descobrir na mesma edição que o assaltante que deixara livre foi o responsável pelo assassinato de seu tio Ben, naquele que se tornou um dos momentos mais marcantes das histórias em quadrinhos de super-heróis, quando Peter aprende o lema e mantra que carrega para o resto de sua vida: ‘com grandes poderes, vem grandes responsabilidades’.

Sua estreia foi tão bem recebida que os leitores começaram a demandar por mais aparições e histórias do personagem, o que obrigou Martin Goodman a aceitar a ideia de um herói fora dos padrões tradicionais da indústria. Já sendo publicado em revista própria, o Homem-Aranha cativava a todos justamente por ser um personagem que precisava lidar, além do combate com os supervilões e certa desconfiança de outros super-heróis já estabelecidos, com fatos inerentes a adolescência: azar com pretendidas, não ter dinheiro, não ter um emprego fixo, ter que cuidar da sua agora viúva tia May e ter que obter a aprovação na escola, dentre outros. E ainda assim preservava o bom humor, diante de tantas mazelas e adversidades.

Robb (2014) acrescenta a esse pensamento sua própria análise, ao afirmar que

Ao elevar um adolescente ao papel de super-herói protagonista, ao invés de um parceiro mirim, e conceder a ele dúvidas e preocupações quanto a seus poderes, Lee e Ditko adentraram em uma poderosa conexão com os jovens leitores da Marvel Comics. O Homem-Aranha era uma abordagem diferente a temática dos super-heróis daquela fornecida ao Super-Homem ou ao Batman (ou mesmo o seu equivalente mais

próximo, o Capitão Marvel e a realização do sonho adolescente). Ele era do momento, sem dúvida contemporâneo, e o espetacular Homem-Aranha demonstrou que, apesar de terem se passado mais de 20 anos desde sua criação, os super-heróis ainda poderiam alcançar novos patamares”. Isso fez com que o Homem-Aranha se tornasse o estrondoso sucesso que mantém até a atualidade (p. 176-177).

Esse sucesso alcançado pelo Homem-Aranha permaneceu a diversas fases do personagem, desde os anos 1960 – na saída da adolescência para a vida adulta, com destaque para a figura de Peter Parker como um estudante universitário, em um contexto sócio-político que incluía a luta e o movimento pelos direitos civis, a exposição de políticos corruptos e os protestos contra a guerra do Vietnã – até este século XXI, com o destaque para o envolvimento do personagem auxiliando as vítimas e socorristas no atentado de 11 de setembro de 2001, ou mesmo Peter Parker cobrindo a posse do ex-presidente Barack Obama ao cargo para que fora eleito em 2009.

A Antropologia Hermenêutica (ou a Interpretação das Culturas)

O estudo da cultura e das ações demonstradas pelos indivíduos diante da mesma não deve ser encarado como uma atividade simples. Mesmo porque não se envolve exclusivamente a observação de características e de fatores presentes no comportamento externo apresentado por quem se deseja conhecer. Muito além disso, deve envolver também os significados e representações que as ações desempenhadas demonstram para com aquelas que as realizam. A esse estudo o antropólogo norte-americano Clifford Geertz dá o nome de Antropologia Hermenêutica, ou Interpretação das Culturas, ao que postula (1978)

[...] se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem (p. 04).

Essa corrente do pensamento antropológico concentra seus esforços junto ao estudo e a compreensão dos significados existentes dentro de um ou mais sistemas estabelecidos da cultura humana. Isso se justifica na medida em que o comportamento humano pode assumir por vezes um ou mais vieses complexos, frutos de estruturas conceituais as quais o indivíduo se encontra exposto no seu cotidiano, sobrepostas ou amarradas. Para tanto, Geertz defendia a análise do fenômeno cultural através de uma interpretação calcada na ideia de cultura como um conjunto de estruturas, ou melhor, de teias de significado, que um indivíduo concede para uma ação que desempenha ou um evento de que toma parte. A analogia a uma teia vai ao encontro do formato estrutural muitas vezes emaranhado e sobreposto, de forma até irregular, conforme descrito acima. Portanto, o trabalho antropológico deveria ser uma explanação dessa mesma teia de significados, de modo a compreender que a cultura é algo que se dá e ocorre no plano público, assim como os significados que se atribuem aos diversos fenômenos culturais.

Estudar o comportamento humano, seja de um determinado contexto escolhido ou do foco em um objeto cultural, por exemplo, o qual norteia um conjunto de ações e comportamentos, é uma tarefa ao mesmo tempo rica e detalhada, porém laboriosa. Isso porque para se vislumbrar tal comportamento, é preciso estar a par e compreender que os atores envolvidos, assim como suas decisões e ações propostas e tomadas são carregadas de conceitos e de significados, muitos dos quais podem estar imbricados uns aos outros, de forma simultaneamente irregular e implícita, constituindo, assim, o conjunto de estruturas de significado proposto por Geertz (1978). Ao procurar contemplar os atores sociais, quando estes se envolvem em processos resultantes de ações e de decisões, tem-se então uma tentativa de compreender os acontecimentos e mais ainda, a experiência sensível a qual se insere o código do sistema cultural. Silva (2005), ao abordar o ponto de vista de Geertz, ressalta que os acontecimentos são de vital importância para este autor, uma vez que eles são entendidos como a experiência sensível, a qual permite a compreensão das

culturas como realidades dinâmicas, onde as performances dos atores sociais são compreendidas em sua máxima quando se é capaz de entender o sentido, dentro da cultura onde a performance é realizada, que o ator exprime ao realizá-la.

De fato, a questão da interpretação de um mesmo ato ou gesto pode gerar e implicar em diferentes significados ao se levar em consideração os diferentes contextos em que eles podem ser empregados. Assim sendo, a compreensão sobre os atos de um indivíduo não pode ser integralmente obtida levando-se em consideração única e exclusivamente o conjunto de ações e de comportamentos passíveis de serem observados de forma externa. Nesse intuito, é preciso acessar de alguma forma e compreender as interpretações e os significados que esse indivíduo confere junto ao ato empreendido e ao comportamento demonstrado para sua realização.

Outro antropólogo que versa sobre o aspecto agregador de valor da cultura e de seus fluxos é Hannertz (1997). Em seus estudos, acaba por endossar o pressuposto de Geertz, ao postular que “[...] para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores têm de inventar a cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la, discuti-la e transmiti-la” (p. 12). Dessa forma, ao se estudar a cultura enquanto um fenômeno, que perpassa e percorre redes e teias, não se pode levar em consideração unicamente um produto atribuído a uma determinada cultura. Faz-se necessário ir mais longe, de forma aprofundada, analisando e interpretando as estruturas simbólicas, ou seja, as próprias teias ou estruturas de significados percebidos nas relações sociais pertinentes ao contexto em que o produto foi desenvolvido.

Relacionando a interpretação das culturas e as histórias em quadrinhos de super-heróis

Considerando-se que o texto dos quadrinhos também não prima por reter a assim chamada exclusividade de sentido em si mesmo, isso significa que pode-se vislumbrá-los como uma fonte de leitura a qual o leitor é convidado a refletir e possivelmente interpretar o sentido das falas, ações e posicionamentos de personagens quando inseridos em uma trama ou arco de histórias. Visando contemplar tal reflexão por parte do leitor, é possível empregar as noções e estudos de Geertz para se interpretar e compreender os sentidos que os vários daqueles envolvidos com as histórias em quadrinhos dão à sua leitura, e como reaplicam esse sentido adquirido da leitura em suas próprias vidas. Wright (2003), na defesa desse argumento, compartilha um exemplo pertinente:

A edição da *Esquire*, de setembro de 1966, publicou uma reportagem sobre o fenômeno Marvel nos campi das universidades dos EUA. Entre as cartas recebidas diariamente pela redação da editora, mais de 225 eram de estudantes universitários. [...] Por que os quadrinhos da Marvel eram tão populares no campus? As respostas foram dadas a revista *Esquire* por alunos de todo o país. Um estudante, de cabelos longos, da Southern Illinois University, dizia-se identificado com o Hulk porque o personagem era ‘contra as instituições’. Já outro estudante, um jovem barbudo, aluno da Stanford University, citou o Homem-Aranha como o seu favorito, porque o herói ‘era perseguido, tinha problemas de falta de dinheiro, e vivia em crise existencial. Ele é um de nós.’ [...] Em 1965, uma sondagem em universidades conduzida pela *Esquire* já revelara que estudantes colocavam Homem-Aranha e Hulk ao lado de figuras como Bob Dylan e Che Guevara, entre os ícones revolucionários dos quais mais gostavam (p. 203).

No que se refere às histórias em quadrinhos, é possível associá-las ao conceito cultural, uma vez que, como meio de comunicação de massa, elas também podem ser consideradas produtos, artefatos ou bens culturais que se formam no plano coletivo e através da experiência humana, capaz de agregar valor e significado à própria cultura. Mais especificamente, sobre isso, Geertz (1978) reafirma:

A análise cultural é — ou deveria ser — uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento de sua passagem incorpórea (p. 30-31).

Assim, compreender os conhecimentos que um escritor ou roteirista demonstra através da trama contida nas histórias em quadrinhos é lançar-se luz sobre a reprodução e veiculação, pelas páginas desse bem cultural, dos valores e elementos presentes à sociedade humana também na contemporaneidade. Pode-se traçar um paralelo, tendo-se em vista que compreender o que são histórias em quadrinhos se torna um conhecimento muito mais rico e elaborado na medida em que se enxergam os empregos e aplicações acerca dos conteúdos presentes nas páginas desses quadrinhos que possam ter sido oriundos de experiências e fatos marcantes e presentes em suas vidas. As aventuras, os posicionamentos e as ações dos personagens dos quadrinhos podem representar uma gama variada de aspectos simbólicos e figurativos das práticas e contextos sociais, como alegorias de notável semelhança as situações reais vividas pelos roteiristas e artistas que os desenvolvem. Por isso, histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como um fenômeno cultural, na medida em que a cultura também é vista como um conjunto de experiências e/ou práticas humanas em sociedade.

Geertz (1978) trabalha junto às premissas culturais, quando defende que o estudo da ação humana deve se pautar no comportamento e significado dados pelo indivíduo no decorrer da ação realizada por ele. Transportando-se para os leitores de quadrinhos, o estudo cultural se faz presente na análise e investigação tanto do cotidiano desses leitores como da forma como percebem e atribuem significado à experiência que a leitura dos quadrinhos traz para seu cotidiano. Esse estudo deve, mandatoriamente, se pautar pelo emprego da descrição densa. Ou seja, como se processa a interpretação das teias de significado — exemplos, contextos, performances, falas, posturas e outros elementos — dentro de uma cultura, na medida em que o indivíduo se vale da interpretação de experiências do senso comum, para delas extrair e compreender como ele internaliza essas estruturas conceituais, no momento em que as vivenciou.

A teia de significados presentes em Homem-Aranha, vista pela história de vida de Stan Lee

Para Geertz (2004, p. 51), instituições, costumes e mudanças sociais são fenômenos de leitura e interpretação, perspectivas que só podem ser contempladas a partir da experimentação e da vivência do grupo ao qual se quer compreender as práticas culturais. Ou seja, as atitudes, os costumes, as posturas e as práticas de um grupo não podem ser interpretadas via modelo rígido e explicativo, pois de tal forma excluiriam fatores e entidades culturais de suma importância, tais como laços familiares, religiosos e as questões cotidianas que envolvem ambiente profissional e até mesmo do lar. Tais fatores são presença constante e referência para o roteirista e o desenhista de quadrinhos abordarem, devido à identificação dos próprios leitores com questões de valor e situações veiculadas nessas histórias.

É fato conhecido que Stan Lee publicamente defendia todas as suas criações para o universo Marvel, mas que demonstrava carinho e apreço particulares para com o Homem-Aranha. Isso porque a ideia de um garoto comum, idêntico a vários outros sempre presentes em diferentes gerações, ter alçado o posto de super-herói.

A seguir, alguns fatos presentes a biografia de Lee - retratados em Lee e Mair (2009), bem como nos documentários Stan [...] (2001) e With [...] (2012) – podem ser analisados, de modo a se comprovar, através da descrição densa e da diagnose, as relações entre criador e criatura, ou mais especificamente, o quanto o personagem Homem-Aranha torna evidente as teias de significado evocadas das vivências de Stan Lee em várias fases e momentos de sua própria vida. Isso se dá pela constatação das evidências contidas na vida de Stan Lee de perguntas para descobrir estruturas conceituais — exemplos, contextos, performances e outros, presentes nos quadrinhos — obtidos através da leitura, que revelem os atos do Homem-Aranha.

Episódio 1

Fato ou acontecimento: os problemas econômico-financeiros que a família de imigrantes Lieber passaram após a quebra da bolsa de New York.

Momento em que este fato ocorreu na vida de Stan Lee: Infância / Adolescência.

As lembranças que Stan Lee compartilha sobre as relações em família frequentemente abordam as dificuldades econômicas dos Lieber. As discussões em torno de problemas financeiros eram frequentes. Lee afirma: “Eu compreendi desde a tenra idade como o espectro da pobreza, a preocupação inacabável sobre não ter dinheiro suficiente para comprar artigos da mercearia ou pagar o aluguel, pode conjurar uma nuvem sobre o casamento” (LEE ; MAIR, 2009, p. 7). Compreensivo diante do contexto familiar, Stan estava determinado a ganhar algum dinheiro para ajudar com as despesas e tornar as coisas menos pesadas para os seus pais.

Descrição Densa: Peter Parker, bem como seu criador, sempre teve que enfrentar problemas financeiros nas histórias em quadrinhos. Com a morte do tio Ben, Peter acabou por lidar com as finanças da casa, já que a pensão e ordenados que sua tia May obtinha eram insuficientes para se manter uma vida com o mínimo de conforto e atendimento as necessidades de ambos. Com isso, Peter realizou uma série de bicos e empregos temporários, como entregador de pizzas, e o mais conhecido deles, que era vender as fotos de seu alter ego, o Homem-Aranha, obtendo a duras penas o complemento financeiro necessário à sua sobrevivência e a de tia May. Da mesma forma, Stan Lee aceitou diversos subempregos para auxiliar seus pais e seu irmão mais nova a sobreviverem na vida após as dificuldades da vida dos anos 1930.

Episódio 2

Fato ou acontecimento: o trabalho de Stan Lee na Timely Comics, e sua relação com o editor-chefe e dono da editora, Martin Goodman.

Momento em que este fato ocorreu na vida de Stan Lee: Adolescência e vida adulta.

Uma das relações mais conturbadas de Stan Lee com alguém que trabalhava ocorreu justamente com o fundador da *Timely Comics* e seu chefe durante décadas, Martin Goodman. De acordo com Lee e Mair (2009), ainda que não de forma explícita, Martin é descrito como um chefe que permanecia ao lado dos funcionários nos momentos de sucesso, mas se afastava deles em períodos de crise ou decisões. Era um patrão somente preocupado com os lucros obtidos através das vendas de revistas em quadrinhos.

Peter Parker, no jornal Clarim Diário, e sua relação com o editor-chefe e patrão J. Jonah Jameson, também lembram as de Lee e Goodman. As relações entre esses personagens por diversas vezes se provaram pouco profissionais, beirando uma relação profissional abusiva entre patrão e empregado. Peter Parker trabalhou no Clarim Diário como um fotógrafo *freelancer*, vendendo fotos do Homem-Aranha, especialmente lidando com ameaças e supervilões. Apesar de a demanda por elas ser contínua, nem sempre Peter consegue obter fotos ou mesmo boas fotos, o que gera insatisfação e acessos de fúria por parte de Jameson. O resultado é que Peter fica sem receber um ordenado. Basicamente, Peter Parker fica em uma situação desequilibrada, enquanto seu patrão se isenta de qualquer responsabilidade trabalhista.

Episódio 3

Fato ou acontecimento: o primeiro encontro de Stan Lee e sua futura esposa, Joan

Momento em que este fato ocorreu na vida de Stan Lee: Adolescência

O episódio foi narrado em diversas entrevistas por Lee, e consta de sua biografia (2009):

“Quando jovem, havia uma garota que eu desenhava [...] um corpo e rosto e cabelo. Era minha ideia de como uma garota deveria ser. A mulher perfeita [...] E quando eu saí do exército, alguém, um primo meu, conhecia uma modelo. Ele disse: ‘Stan, tem uma garota muito bonita chamada Betty. Eu acho que você pode gostar dela. Por que não a convida para almoçar?’

Influenciado pelo discurso de seu primo, Stan se dirigiu a agência de modelos, em busca da dica que recebera. Mas não fora a mulher descrita por seu primo, e sim Joan, que lhe atendeu. Stan complementou:

“Eu olhei para ela e ela era a garota que eu vinha desenhando minha vida toda. E então eu ouvi o seu sotaque inglês. E eu sou louco por sotaque inglês. Ela disse ‘Posso ajudá-lo?’ E eu olhei para ela e acho que disse algo doido, ‘Eu amo você.’ Eu não lembro exatamente. Mas eu a levei para almoçar. Eu nunca conheci Betty, a outra garota. Eu acho que pedi a Joan em casamento naquele almoço”.

Descrição Densa: A história do primeiro encontro do casal Stan e Joan é bastante parecida com o primeiro encontro entre Peter Parker e Mary Jane Watson, retratado nas páginas dos quadrinhos. Na verdade, a trama toda foi engendrada pela tia May e por Anna Watson, tia de Mary Jane, que convenceram ambos os sobrinhos a se encontrarem. Porém, uma diferença de fato ocorreu nos quadrinhos, já que foi Mary Jane que cunhou a primeira frase de efeito na cena: ‘Admita Tigrão, você tirou a sorte grande’.

Conclusão

A relação existente entre Stan Lee e Peter Parker /Homem-Aranha, vai muito além de criador e criatura. A Antropologia Hermenêutica de Geertz (1978) contribuiu para se ter acesso e compreensão dos significados que os entrevistados fornecem para a leitura, o que ocorreu pelo emprego de perguntas voltadas para a descrição densa, com exemplos dos quadrinhos do personagem que revelassem um paralelo com o autor, captando os destaques pertinentes ao comportamento humano, como as relações interpessoais e trabalhistas na nossa sociedade, as dificuldades financeiras e descobertas ou experiências amorosas.

Através da compreensão da relação existente entre as experiências de vida de Lee e o conteúdo retratado nas histórias do Homem-Aranha, via aplicação do conceito de descrição densa da cultura, comprovou-se a possibilidade da interpretação das estruturas conceituais, das teias de significado, presentes dentro da cultura, para delas então se extrair o modo como o personagem – e porque não também dizer, os leitores do Homem-Aranha – concebem e internalizam essas mesmas estruturas, quando delas tiveram acesso.

Referências

- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- LEE, S.; MAIR, G. **Excelsior! The Amazing Life of Stan Lee**. New York: Fireside, 2009.

ROBB, B. J. **A brief history of superheroes**. Philadelphia: Running Press, 2014.

RAMOS, R. B. T. Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics. 252f. Tese (doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. 2017. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-AXWMUC/tese_doutorado__vers_o_para_encaderna_o__vers_o_final.pdf?sequence=1>.

SILVA, R. A. da. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005.

STAN Lee. **Mutantes, monstros e quadrinhos**. Direção: Scott Zakarin. Produção: Eric Mittleman. (SL): Sony Pictures, 2002. 1 DVD (95 min), color.

WRIGHT, B. W. **Comic book nation: the transformation of youth culture in America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

WITH Great Power. Direção e Produção: Terry Douglas, Nikki Frakes e Will Hess. (SL): 1821 Pictures, 2012. 1 DVD (80 min), color.

Recebido em: 01.07.2019

Aprovado em: 28.08.2019